

A ILUSTRAÇÃO NO LIVRO DE POESIA

Andressa Ferreira Barbosa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Marly Amarilha

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho faremos uma reflexão acerca do uso da ilustração e sua importância para a formação do leitor. O uso de imagens pela raça humana possui uma história longa, desde o início dos tempos o homem faz uso de imagens para expressar sentimentos e emoções, tais imagens foram progressivamente reduzindo em tamanho, para que pudesse narrar mais histórias. Pouco a pouco essas imagens foram substituídas por símbolos, que mais tarde receberiam valores sonoros, o que ocasionou na distinção entre a linguagem oral e visual. Apesar da distinção entre texto escrito e imagem, ambos devem estar articulados para promover uma compreensão efetiva do texto.

Em um contexto geral, a ilustração tem sido usada somente pela sua questão estética, com o objetivo somente decorativo ou de reforço. Entretanto, diversos estudos comprovam a importância da ilustração em um ambiente pedagógico e de letramento, em que as ilustrações são essenciais para um entendimento eficaz em totalidade de sentidos de uma narrativa literária.

Este trabalho objetiva estudar as implicações da ilustração em obras literárias destinadas ao público infanto-juvenil. A ilustração, segundo Camargo (1995), caracteriza-se por toda imagem que se apresenta junto ao texto escrito, em que ambos se articulam e colaboram para uma compreensão efetiva do texto. Sendo assim, a ilustração detém diversas funções que aliadas ao texto escrito dão sentido à narrativa.

O planejamento gráfico é um importante recurso para a compreensão da obra literária. Diante disso, desenvolveremos este estudo a partir do livro *Quando Chove a cântaros* escrito por Glória Kirinus e ilustrado por Graça Lima. Destacaremos elementos gráficos utilizados pela ilustradora e discutiremos a implicância de tais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Leitura

A leitura é um processo de dupla significação, através do qual o leitor interage com o texto e o texto com o leitor, Então, a partir das experiências já obtidas pelo leitor, ele faz novas assimilações. Sobre o processo de leitura, Nakamura afirma que:

A leitura é, portanto, o ato de um sujeito (o leitor) que, com sua experiência (maior ou menor), dialoga com um sistema de significações que deseja compreender (escrito, sonoro, imagético, gestual). Este, por sua vez também interage com o leitor numa relação de troca, de descobertas e de prazer. (NAKAMURA, 2000, p.????).

Segundo afirma Kirinus (2011), a leitura de literatura em verso ou prosa demanda do sujeito leitor uma atitude, **denominada** por ela, de “pacto ficcional”, em que o indivíduo precisa realizar um contrato com o texto, fantasiando, aceitando como verdadeira, a realidade proposta no texto.

2.2 Formação do leitor

A formação do leitor começa a partir do momento em que o indivíduo inicia a sua trajetória em um mundo letrado, antes mesmo de seu ingresso na vida escolar, imergindo nos mais diversos gêneros textuais, iniciando seu processo de letramento, sua formação de leitor, o qual se estenderá por toda a vida. Segundo Yunes (2009, p.9),

[...] a formação do leitor se dará através de uma pedagogia e uma teoria renovadas à luz da interdisciplinaridade e do resgate do homem, indivíduo, cidadão que precisa sentir-se sujeito histórico para interagir no ato de ler. E não apenas livros, mas linguagens e outras linguagens com repertórios de sua vivência e com acervo cultural que lhe sustenta uma visão de mundo.

Sendo assim, ao adentrar na escola espera-se que a mesma sirva de ponte e oriente o jovem leitor, iniciando-o no processo de alfabetização. Para tanto, a escola deve, assim como sustentado por Yunes, fazer uso da realidade do aluno para que desta forma possa haver sentido para o educando, resultando assim que possa se sentir sujeito integrante e participante da sociedade e do meio em que vive.

2.3 Relação texto X imagem

Para Camargo (1995), a ilustração é qualquer imagem que acompanha um texto. As imagens estão mais comumente presentes em livros destinados ao público infantil, e atualmente é praticamente impossível fazer a dissociação de texto e imagens em livros infantis, com exceção dos livros que são somente de imagens, visto que ambos contribuem para uma melhor assimilação da história. Maria Alice Faria, em seu livro “Como usar literatura infantil em sala de aula”, afirma haver nesses livros uma “*dupla narração*”, através da qual o ilustrador assumiria o papel de uma espécie de segundo narrador e contaria outra história através das ilustrações.

A criança captura a palavra no instante da palavra. Assim como captura a imagem no instante da imagem. Ambas multiplicam significados quando aliadas a imaginação criadora que, mobilizada pela emoção (*e-movere*) e pela memória (*memorare*), convoca novas palavras e novas imagens para ficcionalizá-las (KIRINUS, 2011, p.41).

A dinâmica para a leitura do texto escrito se dá pela trajetória do olhar, na qual o olho percorre a linha na direção horizontal, no sentido esquerda para direita, e de forma gradual, linha a linha, de cima para baixo, diferente da leitura que ocorre na leitura de imagens que, por sua vez, ocorre de modo global, em que o olho percorre várias direções e é orientado pelas particularidades da própria ilustração. Para Faria (2004), na leitura de imagens o leitor é guiado conforme a intenção do ilustrador que gera uma hierarquização nos componentes das imagens. “Um dos dois elementos pode ter a faculdade de dizer o que o outro, por causa de sua própria constituição, não poderia dizer.” Durand & Bertand (apud FARIA, 2004, p. 40).

As articulações entre palavra e imagem podem ser pedagógicas ou de complementaridade. Na primeira, texto e imagem trarão as mesmas informações, as crianças serão motivadas a identificar nas imagens o que foi relatado no texto escrito no texto escrito de modo literal. Já relacionado à articulação de complementaridade, a ilustração e o texto escrito irão juntos narrar história de modo a se completarem, tornando-se indissociáveis ao enredo.

O texto escrito possui características próprias que contribuem significativamente para o desenvolvimento da narrativa. Faria (2004) aponta como indispensáveis algumas dessas características: **articuladores temporais**, que são os responsáveis por descreverem o instante que ocorre a ação; **elementos de causa e efeito**, que tem por objetivo explicar os motivos pelos quais ocorreram tais situações. O texto escrito também é o responsável por efetuar revelações, fazendo as descrições dos personagens, ações e locais onde a história ocorre.

A ilustração, por sua vez, tende a propiciar uma espécie de apoio ao leitor, visto que em sua estrutura traz detalhes minuciosos que, se descritos no texto, tornariam-no cansativo e enfadonho, posto que na imagem o leitor pode fazer uma leitura global da imagem como um todo e realizar uma percepção instantânea do que se propõe passar. Faria (2004) afirma que as imagens devem trazer elementos de hipersignificação: **elementos estáticos**, que objetivam realizar descrições, através de propostas em que se sugere o espaço em que as ações ocorrem e características das personagens; e os **elementos dinâmicos**, que são responsáveis por ilustrarem expressões e sentimentos das personagens. Amarilha (2011) reconhece a importância das imagens para a formação do jovem leitor quando afirma que

[...] Nos primeiros estágios de leitura as imagens são tão importantes quanto às palavras. A ilustração, além de deter o enredo da história, também sinaliza sobre o significado das palavras. Assim sendo, a ilustração é instrumento do processo de ler, ainda que a escola tenha a esse respeito pouca clareza. (AMARILHA, 2009, pág. 41)

Em seu livro ilustração do livro infantil, Camargo (1995) endossa a formação das muitas funções das ilustrações em livros infantis: “Seja no livro ilustrado, em que a ilustração dialoga com o texto, seja no livro de imagem, em que a ilustração é a única linguagem, a ilustração pode ter várias funções.” (CAMARGO, 1995, p. 33). O autor destaca essas funções:

pontuação; função descritiva; função narrativa; função simbólica; função expressiva/ética; função estética; função lúdica e a função metalinguística. Neste trabalho exemplificaremos algumas dessas funções, utilizando para tal análise o livro “Quando chove a cântaros” de Glória Kirinus.

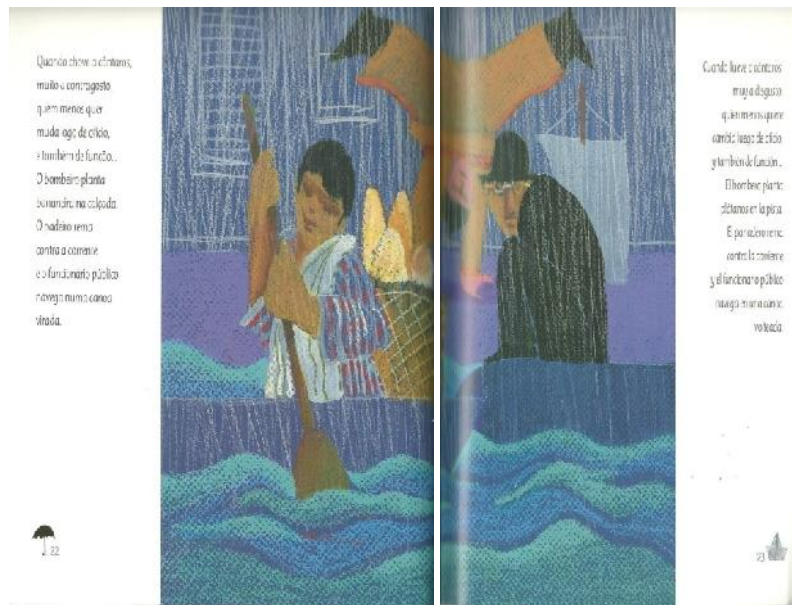
Figura 1 – Capa do livro Quando chove a Cântaros



Fonte: Página de Glória Kirinus

A primeira função por nós destacada é a **função descritiva**, que descreve os elementos presentes no texto escrito, Esse tipo de função está comumente presente em livros didáticos e formativos. Na figura 2 se faz presente quando o texto escrito descreve quem são os ocupantes do barco e a imagem os traz descritos e enriquecidos em detalhes, o padeiro, por exemplo, vem ilustrado próximo ao cesto de pães.

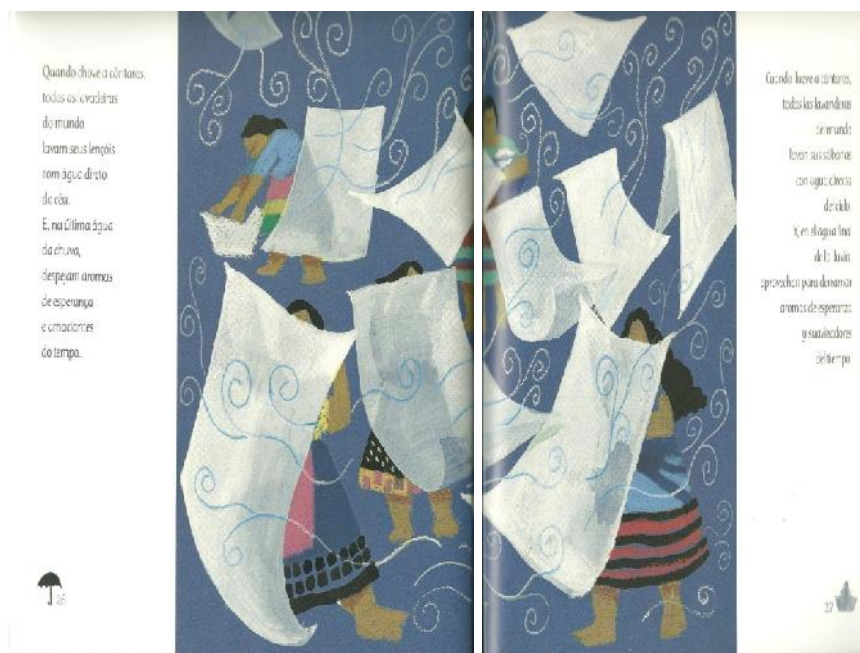
Figura 2 – Livro Quando chove a cântaros



Páginas 22 e 23

A segunda função destacada é **função narrativa**, que se caracteriza quando a ilustração mostra uma ação que está explícita no texto. Na figura 3, percebem-se movimentos das lavadeiras, assim como foi descrito no texto que lhe antecede.

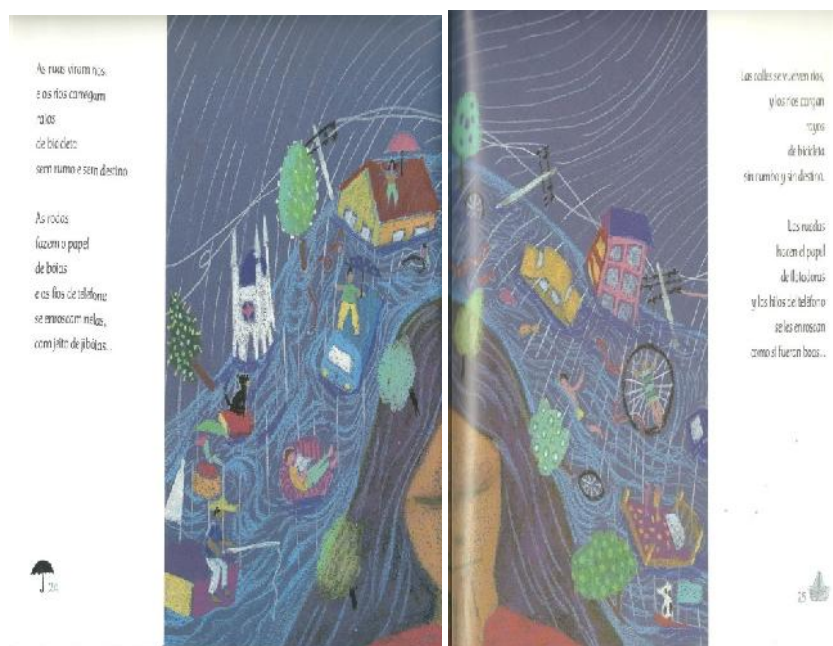
Figura 3 – Quando chove a cântaros



Páginas 26 e 27

A terceira é a **função simbólica** que faz a representação simbólica da idéia do texto escrito. A função simbólica se faz presente nestas páginas quando o ilustrador sugere a personificação do rio, podendo-se entender como a mãe natureza.

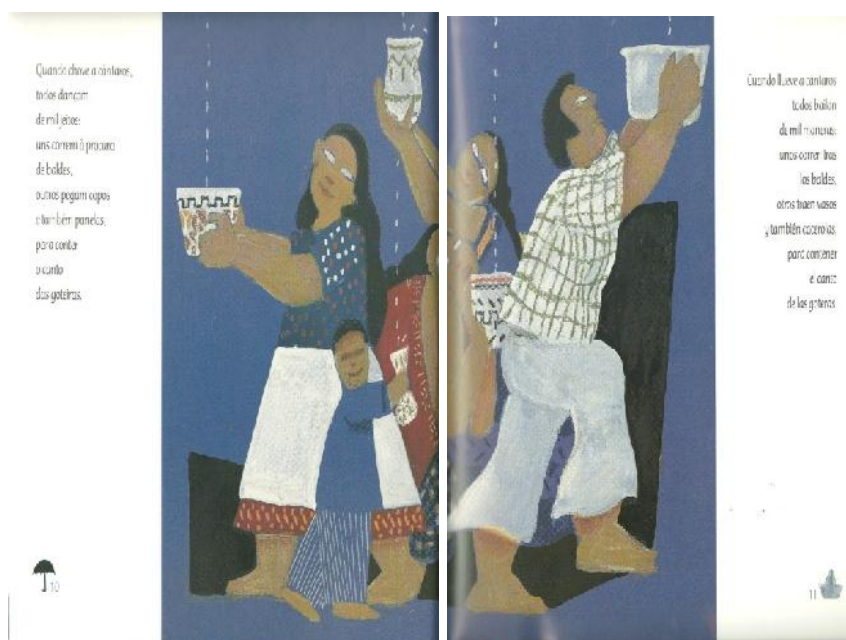
Figura 4 – Quando chove a cântaros



Páginas 24 e 25

A próxima é a **função expressiva/ética**, que expressa sentimentos e emoções através da caracterização dos personagens, além de possuírem diversas marcas do ilustrador como cultura e personalidade. Pode-se perceber a função expressiva nesta imagem ao voltar o olhar para as expressões dos personagens, pois em virtude da chuva, os traços e curvas que formam seu corpo também denotam a personalidade do ilustrador.

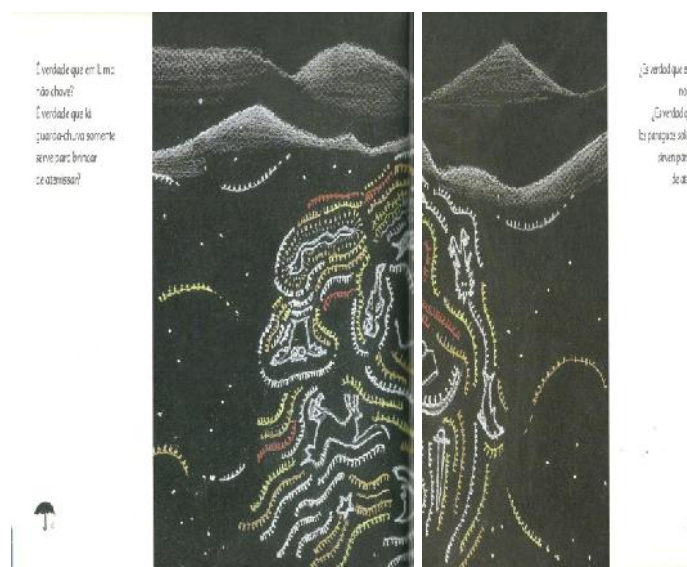
Figura 5 – Quando chove a cântaros



Páginas 10 e 11

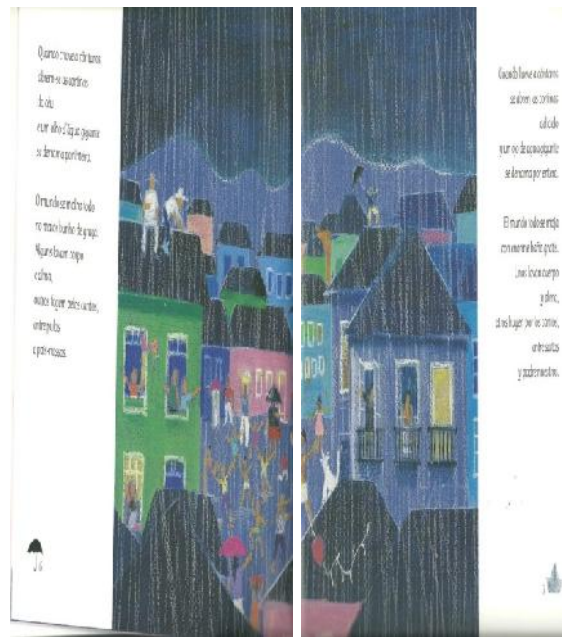
A quinta é última função é a **função lúdica**, que se representa quando o jogo lúdico está presente na própria ilustração ou no que se propõe ao ilustrar-se daquela forma. Ao virar o livro de cabeça para baixo, pode-se perceber a presença de vários seres mitológicos, entendemos então que o ilustrador nesta imagem se apropriou da função lúdica.

Figura 6 – Quando chove a cântaros



Páginas 4 e 5

Figura 8 – Quando chove a cântaros



Páginas 8 e 9

O terceiro e último elemento é denominado por **várias ações em perspectiva**, que traz as personagens e demais elementos gráficos em perspectivas e planos diferentes visualmente, de modo a dar a entender o quão distante estão. Irá discutir variação proporcional dos objetos e trabalhar a observação.

Figura 9 – Quando chove a cântaros



Páginas 30 e 31

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela observação dos aspectos analisados no decorrer do trabalho acerca da importância da ilustração para a obra literária infanto-juvenil, percebemos a sua significativa contribuição para a construção da narrativa, que pode ser de reafirmar o que já está explícito no texto escrito ou até mesmo criar novos sentidos.

Entendemos que a ilustração permite que o trabalho com o livro infantil não tenha limites e possa ser trabalhado com as crianças desde muito cedo, mesmo que ainda não domine a leitura, visto que as imagens poderão denotar o sentido exposto no texto escrito, possibilitando a leitura de imagens visuais.

A obra por nós analisada é rica em oportunidades significativas de estudo, permitindo ao leitor inúmeras perspectivas de leituras, cabendo então ao professor saber utilizar os recursos em sala de aula, propiciando aos seus alunos um espaço de interação e aberto a questionamentos, resultando assim na formação de um leitor sensível a perceber as significações que são construídas a partir das imagens, descobrindo os novos sentidos que as ilustrações trazem.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas? – literatura infantil e prática pedagógica.** 8º edição .Petrópolis: Vozes, 2009.

CAMARGO, Luís. **Ilustração do livro infantil.** Rio de Janeiro, 1995.

FARIA, Maria Alice. **Articulação do texto com a ilustração.** In: Como usar literatura Infantil em sala de aula – São Paulo: Contexto, 2004.

Figura 1 – Disponível em: <<http://www.gloriakirinus.com.br/quando.html>>. Acesso em: 19/09/2014

KIRINUS, Glória. **Synthomas de poesia na infância.** São Paulo: Paulinas, 2011.

NAKAMURA, Helenita Assunção. **A imagem na formação do leitor: um processo dialógico ilustração-texto na literatura infantil no contexto escolar.** In: AMARILHA, Marly (Org.). **Educação e leitura: trajetória de sentidos.** João Pessoa: Ed. Da UFPB-PPGED/UFRN 2003.

POUND, EZRA. **ABC da literatura.** São Paulo: Cultrix, 2006.